

31 Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Caxambu, 22 à 26 de outubro de 2007

Sessão temática de Esporte e Sociedade

Apresentação Oral

O esporte universitário como estratégia de mobilidade: o caso dos jogadores negros

Prof. Dra. Andréa L. C. Vieira (UFRJ)

Prof. Dr. José Jairo Vieira (UFRJ)

Caxambu-2007

O esporte universitário como estratégia de mobilidade: o caso dos jogadores negros

Prof. Dra. Andréa L. C. Vieira (UFRJ)
Prof. Dr. José Jairo Vieira (UFRJ)

Resumo:

A relação entre esporte e educação no Brasil, ainda é incipiente, não temos um caminho ou uma relação tão nítida como observamos, por exemplo, no esporte universitário norte americano. Porém, de qualquer forma, podemos dizer que no Brasil, temos casos em que, o esporte universitário é utilizado por jogadores negros como estratégia de permanência no ensino superior. Esta permanência e em alguns casos acesso, pode ser alcançada pela obtenção de bolsas para os jogadores (bolsa alimentação, bolsa alojamento, bolsa de desconto na mensalidade, etc). Para refletir sobre tal tema observamos duas situações a primeira é relacionada a Liga Universitária Viçosense pertencente à Universidade Federal de Viçosa, e segunda, é vista em algumas universidades particulares que oferecem bolsas para jogadores.

Palavra-chave: sociologia do esporte; negro; esporte universitário

O esporte universitário como estratégia de mobilidade: o caso dos jogadores negros

Prof. Dra. Andréa L. C. Vieira (UFRJ)
Prof. Dr. José Jairo Vieira (UFRJ)

Introdução

Este texto antes de aprofundar seve como uma forma de iniciar o debate sobre as relações raciais e o esporte universitário no Brasil. Desta forma, tem um caráter muito mais exploratório da tema'tica do que conclusivo, alencamos algumas inquietações e uma situação para análise.

No meio universitário, o debate acerca da presença de negros e pardos, atualmente, passa por grande destaque, isto ocorre em função de vivenciarmos na sociedade brasileira o impasse provocado pela inclusão ou não das políticas de cotas para negros e pardos no acesso a universidade. Diante de tal cenário inicia-se a observação de diversas situações universitárias na quais poderíamos analisar a presença de negros e pardos, um destes locais é o objeto de análise desta pesquisa, o desporto universitário.

O desporto universitário tem como objetivo a socialização dos indivíduos bem como oferecer possibilidades para que estes possam praticar uma atividade lúdico-esportiva em seus momentos de lazer.

A estrutura das Ligas Universitárias foi através do tempo sendo modificada para que esta se adequasse às novas normas curriculares do ensino superior; isto causou uma deturpação em seus preceitos a medida que agora um número reduzido de universitários poderiam usufruir de modalidades oferecidas pela mesma.

Esta estrutura é vigente e sucinta diversas interrogações quando se tenta, dentro desse número reduzido de indivíduos, analisar a presença de negros e pardos.

A Liga Universitária Viçosense é a Liga desportiva representativa do Esporte Universitário da Universidade Federal de Viçosa. Objetivamos assim analisar justamente a presença de negros e pardos nesta liga.

Objetivo

O presente trabalho visa analisar a participação dos negros universitários viçosenses na Liga Universitária Viçosense como um estratégia de mobilidade social ou permanência na faculdade.

Breve Revisão de Literatura

Esta revisão literária preliminar busca demonstrar um pouco da bibliografia corrente sobre aspectos raciais e esporte. No Brasil existe uma escassez de textos que abordem tal temática por isso vamos neste momento da pesquisa, ou seja, de apresentação do projeto, apontar algumas referências que darão norte ao restante da revisão literária. Para isto iremos primeiro tratar de aspectos da discriminação dos negros e pardos na sociedade brasileira. Em seguida, apontaremos para o início da participação dos negros nos esporte mundiais e brasileiros e, por fim, os estereótipos relacionados a participação dos negros e pardos nos esportes.

Breve Histórico Acerca da Discriminação do Negro na Sociedade Brasileira

Para que se entenda a presença do negro no esporte, faz-se necessário uma análise histórica acerca da presença deste na sociedade brasileira.

Após o término da escravatura, diga-se de passagem, o Brasil foi o último país a aboli-la, o negro se vê em situação amplamente desfavorável ao passo que agora, este era “livre”, no entanto altamente marginalizado e excluído do mercado de trabalho emergente. A população de cor era, de acordo com o empresariado, despreparada intelectualmente (Santos, 1981:52).

Nota-se como o capitalismo retira o racismo de dentro do escravismo, o detém e o recria no interior das relações capitalistas de produção (Ianni, 1988:199).

As atividades nas quais o elemento de cor prevalece ou se destaca bastante, salvo as exceções, são as de engraxate, mensageiro, pessoal de limpeza, funcionários de baixo escalão e profissões similares que são mal remuneradas, ou não contam com prestígio significativo na categoria em questão, impossibilitando um padrão de vida digno (Rosenfeld, 1993:22).

Esta situação acarreta um fenômeno social que se expressa através da associação da questão racial com a questão de classes.

De acordo com Vieira (2001:137), existem evidências empíricas e estatísticas que comprovam uma relação indiscutível entre a cor da pele de uma pessoa e suas possibilidades de ascensão social, educação, moradia, renda, etc.

Ascensão esta que é bloqueada pelo grupo dominante à partir do controle que este detém sobre os aparelhos e órgãos formuladores de leis e valores, como o governo e os meios de comunicação, cumpre tarefas implícitas e explícitas, grotescas e sutis de intimidação, diminuição de auto-estima e perpetuação de expectativas baixas de realização pessoal dos negros (Vieira, 2001:146).

Segundo dados apresentados no Seminário Brasileiro de Relações Raciais e Desigualdade Econômica realizado em 1999, a média salarial de um trabalhador urbano branco é de R\$ 734,00, já de um trabalhador negro, é de R\$ 344,00.

Outro dado relevante diz respeito à constatação de que com o aumento do grau de escolaridade dos indivíduos, estas diferenças salariais tendem a aumentar.

Estas disparidades nem sempre são notados pela sociedade, que em inúmeras ocasiões, negam a existência do racismo apoiando-se no argumento que isso não é discriminação racial e, sim, social, econômica. Costumam dizer que a população negra é, em sua grande maioria pobre, devido às heranças de seus antepassados escravos, e que não se deve preocupar com a dimensão estritamente racial. Deve-se simplesmente eliminar a pobreza, que conseqüentemente a situação do negro melhorará (Soares,1999:42)

Esta situação gritante perdura e pode, de certa forma ser atribuída à excessiva demora em se admitir, oficialmente a existência do racismo no Brasil.

Somente em 1995, na gestão de Fernando Henrique Cardoso, o governo admitiu oficialmente que os negros foram e são vítimas de discriminação que em muito explica a situação de desigualdade sócio-econômica vigente (Vieira, 2001:147).

Esta afirmação do presidente da República veio confirmar aquilo que era óbvio: a sociedade brasileira é racista. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Datafolha denominada “racismo cordial”¹,concluiu-se que: 1) 89% dos brasileiros admitem a existência do preconceito de cor, 2) 10% assumem ser preconceituosos, 3) 81% revelam algum tipo de preconceito no decorrer da pesquisa (Datafolha, 1995:11 apud Vieira, 2001).

Esta relutância em se admitir que as práticas racistas ocorriam, além de atrasar a superação do mesmo, proporcionou a este uma característica multifacetária ímpar.

¹ Nesta pesquisa foram coletados dados em diversas localidades do país, no entanto cabe lembrar que dependendo da região, estes valores podem variar significativamente.

De acordo com Santos, o racismo brasileiro se expressa em diversas “modalidades”; dentre estas, vale destacar uma, que é a crença de que os brancos são melhores que os não-brancos. Esta pode ser constatada claramente quando se observa nos classificados de emprego o termo “boa aparência”, que expressa uma tentativa de bloquear o acesso do negro aos postos de trabalho oferecidos; como se o branco fosse belo e o negro não. Isto é muito sério. Como não se pode explicar “não queremos negros”, exige-se “boa aparência”. Estas práticas discriminatórias são freqüentes, no entanto apesar de causarem indignação da comunidade negra, poucas mudanças efetivas foram observadas.

Os conflitos raciais, só ocorreram no Brasil em casos isolados e atípicos porque, por um lado, a filosofia iluminista ² não teve a mesma penetração e o extraordinário efeito duradouro que na América do Norte; por outro lado, porque a parcialidade sempre foi tão discreta que raramente levava a conflitos de consciência. O preconceito é tão sutil, tão centrado no diminutivo querido, que nunca poderia atingir uma fase de saturação que levasse à criação de uma ideologia defendida coletivamente (Rosenfeld, 1993:26).

Após a análise das informações acima expostas, pode-se compreender a estrita relação entre a cor da pele e a classe social dos indivíduos.

O Início da participação de Negros nos Esportes Mundiais

O primeiro esporte a ter a presença de negros foi o boxe. Tom Molyneux foi o primeiro peso pesado a se tornar campeão de boxe, isto em torno de 1800. Henry McDonalds foi o primeiro jogador de futebol americano profissional negro, isto ocorreu no ano de 1911 (Leonard, 1980:237 apud Vieira, 2001:55)

Os desportistas negros começaram a ter acesso a alguns esportes e, principalmente, a ocupar certas posições neles há pouco tempo. De forma mais consistente, isto passou a ocorrer a partir da segunda metade do século XX.

A partir da segunda guerra mundial, com a desagregação do esporte e de outras esferas institucionais, cresceu a entrada de homens negros em direção ao esporte profissional nos EUA (beisebol, basquetebol, futebol americano). Com isso, este grupo aumentou a participação nestes esportes e continuaram a ter pleno domínio no boxe (Carrington, 1986:03 apud Vieira, 2001:55).

² A filosofia Iluminista apregoava a igualdade e a fraternidade entre os indivíduos. (Rosembalg, 1993:26).

O crescente interesse pelo estudo do racismo e da etnicidade no esporte está ocorrendo principalmente pelo fato de vários atletas negros estarem alcançando destaque em algumas modalidades esportivas em diversos países. Os atletas negros, assim nas últimas décadas, estiveram mais expostos na mídia do que de costume.

A - Participação dos Negros no Esporte Brasileiro

Pense em quais modalidades esportivas a presença e participação do negro é mais efetiva. Você deve ter pensado em modalidades como o futebol³, atletismo, basquetebol, boxe, ou seja, esportes que não necessitam de grandes aparatos e implementos, o que facilita o acesso bem como a sua prática.

Outra questão seria referente à dificuldade em se praticar modalidades desportivas que fujam ao padrão daquelas que são oferecidas no sistema público de ensino. Geralmente não vemos negros nos clubes particulares, isso se deve primeiramente ao fato de que o pagamento da mensalidade é impossível para eles, isto dificulta o contato com esportes tidos como de “elite” pela população carente ou de cor⁴, impossibilitando o processo de iniciação.

Nota-se que o leque de modalidades esportivas em que há participação efetiva dos negros é extremamente reduzido.

Ao atleta negro, geralmente são atribuídas tarefas dentro do jogo que requeiram vigor físico e uma porcentagem de força elevados, ficando a cargo dos atletas brancos, o comando tático e as atividades que requeiram concentração e uma capacidade cognitiva elevada.

Evidenciar esta diferença de representatividade como sendo oriunda de um processo discriminatório não é muito fácil (aliás, como todas as desigualdades raciais na sociedade brasileira), dadas às características da discriminação e preconceito racial brasileiro, onde o tipo de embate e a rigidez nos relacionamentos raciais são substituídos pela sutileza de um racismo disfarçado por uma aparente boa convivência.

B - Os estereótipos discriminatórios

³ A participação do negro no futebol foi analisada no âmbito nacional, apesar de não se ter dados quantitativos confiáveis acerca desta no decorrer da história, sabe-se que esta é proporcionalmente maior que em países europeus.

⁴ Deve-se ter cuidado com generalizações do tipo: indivíduos das classes menos abastadas são necessariamente de cor, no entanto, para facilitar o entendimento, estes termos serão utilizados de maneira indissociada.

De acordo com Rosembalg, na “arena” esportiva são incluídas e traduzidas lutas raciais e de classes. Esta atua como um espelho que reflete os fenômenos que ocorrem em uma sociedade e que de certa forma passam despercebidos aos olhos desta.

Um dos elementos mais utilizados para discriminar dentro da esfera esportiva são os estereótipos. Fundados a partir de formulações cognitivas individuais ou de grupos, os estereótipos permitem a construção de tipificações do “outro”. Neste processo, os referenciais estariam baseados em percepções da semelhança ou da diferença entre indivíduos. Assim, seria possível argumentar que os estereótipos funcionariam como agente fundamental no processo discriminatório.

Comentários proferidos durante uma partida de futebol tais como: quem é esse neguinho que está na zaga? Ou: tinha de ser preto para errar esse gol! Trazem implícitos fortes conteúdos racistas que, devido à sua corriqueira ocorrência, nem são notados como tal.

Os meios de comunicação de “massa”⁵, são responsáveis por grande parte da divulgação destes estereótipos racistas.

Nota-se na programação que vai ao ar diariamente, a ínfima participação de indivíduos negros. Este conjunto de imagens e discursos desfavoráveis vão, lentamente, adentrando a mente das pessoas e induzindo à formulação de preconceitos acerca da população negra.

Em países com predominância branca, alguns fatores, como a existência de grupos racistas extremistas e sua habitual hostilidade contra grupos minoritários⁶ são preocupantes.

Não é raro se ter notícias de incidentes envolvendo tais grupos e atletas negros, principalmente no futebol.

⁵ Os meios de comunicação de massa diz respeito àqueles que são acessíveis à grande parcela da população, neste caso, faz-se referência à televisão.

⁶ Os grupos minoritários que são qualquer um que fuja aos padrões estabelecidos por eles próprios para legitimarem seus atos de violência. Nossa análise se focará nos indivíduos negros.

Considerações finais:

- Os Negros nos Esportes Universitários Brasileiros, o caso da LUVE

O esporte universitário brasileiro passa por um momento de pouca movimentação, as competições estaduais e nacionais vivem a sombra de um passado onde de fato havia um maior investimento institucional em tal esporte. Lembro de Universidades que atraíam jogadores profissionais ou pseudo-profissionais (amadores do basquete, vôlei, futsal e atletismo) com bolsas integrais para que estes competissem por elas nos campeonatos universitários.

Hoje em dia a realidade é bem diferente e infelizmente observa-se um desmantelamento do esporte universitário como local de estrelas do esporte. O que temos é muito mais uma competição com sofrível nível técnico e tático. As universidades não mais atraem os jogadores como atraíam em outros momentos.

Neste cenário a participação dos jogadores negros acontece a reboque do que acontece no cenário esportivo mais amplo, sendo que aqui ainda existe um agravante que é a necessidade de presença do negro na faculdade como um pré-requisito para a participação no esporte universitário.

Desta forma, cabe salientar que a presença de jogadores negros na LUVE como forma de mobilidade deve ser entendida a partir de uma estratégia de permanência e não de acesso ao nível superior.

Com relação a presença de negros na LUVE podemos considerar que, apesar de não oferecermos dados quantitativos à observação direta e seu registro na forma de diário de campo permitem inferir algumas considerações a respeito da participação dos negros e pardos na liga Viçosense.

A primeira diz respeito à proximidade das ocorrências desta situação em âmbito universitário para as relatadas nas demais esferas esportivas da sociedade como é apontado pela literatura corrente (Vieira, 1998, 2001, 2002 e 2003)), principalmente, no que se refere ao tratamento e estereótipos relacionados aos jogadores negros e pardos;

A segunda diz respeito a invisibilidade e por que não dizer, dissimulação da questão racial neste universo uma vez que tanto jogadores brancos como negros e pardos agem de forma a não explicitar e evidenciar tais diferenças e possivelmente tensões.

A terceira é com relação a percepção de que ocorre uma super representatividade de jogadores negros quando observamos o universo universitário daquela comunidade. Desta forma, podemos dizer

que temos algo em torno de 20% de jogadores negros na liga, tal porcentagem é bem acima da encontrada na Universidade.

Pelo fato de receberem alguns auxílios como bolsa alojamento e alimentação, podemos deduzir ser este um caminho para facilitar a permanência dos jogadores universitários da universidade e, conseqüentemente, os jogadores negros.

8 - Bibliografia

FERREIRA, Maria Zita. Dança Negro Ginga a História. Belo Horizonte: Maza, 1998.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 5ª ed. São Paulo-SP: Atlas, 1999.

HELAL, Ronaldo. O que é Sociologia do Esporte. São Paulo-SP: Brasiliense, 1990.

HELAL, Ronaldo. Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

IANNI, Octávio. Escravidão e Racismo. 2ª ed. São Paulo-SP: Hucitec, 1988.

IANNI, Octávio. A Dialética das Relações Raciais. (Artigo retirado da Internet).

ROSENFELD, Anatol. Negro, Macumba e Futebol. São Paulo-SP: ed. da Universidade Federal de Campinas, 1993.

SANTOS, Joel Rufino. O Que é Racismo. 10ª ed. São Paulo-SP: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

SEMINÁRIO: Relações Raciais e Desigualdades Econômicas. Brasília. Câmara dos Deputados: Coordenação de Publicações, 2000.

VIEIRA, José Jairo. Paixão Nacional e Mito Social: A Participação do Negro no Futebol, Profissionalização e Ascensão Social. Tese de Doutorado em Sociologia. Apresentada ao Instituto de Pesquisa do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro-RJ, 2001.